

O HISTORIADOR E O ARQUIVO: UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA NA ORGANIZAÇÃO E INFORMATIZAÇÃO DO CENTRO DE PESQUISAS GENEALÓGICAS (CPG) DE IMIGRAÇÃO ITALIANA DA QUARTA COLÔNIA IMPERIAL DO RS

PROFA. DRA. MARIA MEDIANEIRA PADOIN
Universidade Federal de Santa Maria, RS

O presente texto é uma reflexão sobre uma experiência acadêmica-profissional que integrou o trabalho de professores de História e de Informática, técnicos em arquivística e acadêmicos, em um projeto que congregou pesquisa, ensino e extensão. O Projeto de *organização e informatização do acervo documental do Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG) do município de Nova Palma, RS, Brasil*, estava vinculado ao Convênio de Cooperação Técnico-Científica estabelecido entre a Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul - Arquivo Histórico, Mitra da Diocese de Santa Maria- Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma, Centro Universitário Franciscano, Agência Consular da Itália em Santa Maria, Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul, “Circolo Veneto” de Nova Palma e Prefeitura do Município de Nova Palma, e com apoio financeiro da FAPERGS¹.

O arquivo de Pesquisa Genealógica de Imigração Italiana é o resultado de um trabalho de 50 anos de pesquisa, dedicação, organização e amor à História dos imigrantes e seus descendentes, do Pe. Luiz Sponchiado, com o apoio e investimento da Mitra Diocesana de Santa Maria. Tal Arquivo possui o registro e documentos de mais de 50.000 mil famílias de imigrantes e de seus descendentes que vieram, especialmente, para a região central do estado do Rio Grande do Sul (RS).

Este arquivo possui um acervo em constante renovação e complementação, sendo muito procurado por pesquisadores e pessoas interessadas na busca de suas origens familiar. Porém, com o passar dos anos e com o grande volumes de documentos, a preocupação com a conservação e a divulgação das informações, sem prejuízo a preservação física dos documentos, levou tanto o referido sacerdote como a comunidade que pertence, a buscar auxílio junto à Universidade e, nesse caso, à profissionais que já tivessem um trabalho nessa área. Com a urgência de adotar procedimentos que venham conservar e preservar a documentação da ação do tempo e do homem, bem como adequados a realidade do CPG, foi feita a opção pela informatização, pois permitirá uma forma mais prática e rápida ao acesso às informações, como também permitirá a preservação da documentação, evitando o seu manuseio direto.

¹ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

A existência de “centros de memória” no RS, e em especial nessa região, tem uma forte vinculação com a Igreja e, mais com a ação de determinados sacerdotes, que foram agentes “inovadores”, enquanto liderança religiosa, política e social. Isso vem demonstrar em comunidades pequenas (de acordo com a realidade brasileira), de 3 a 5 mil pessoas, a importância da Igreja enquanto estrutura do poder local. Nesse sentido, o valor para a educação, especialmente a religiosa e moral, das escolas e internatos, em sua maioria pertenciam a congregações religiosas nessa região.

Desta forma, o Centro de Pesquisas Genealógicas representa um símbolo, como espaço de referência de uma identidade “perdida” no tempo, que justifica uma realidade, que lhe dá sentido e que lhe faz universal, apesar de ser “espacialmente” local.

Para iniciar, é necessário salientarmos que a imigração italiana para o sul do Brasil, veio complementar o quadro de povoamento do estado do Rio Grande do Sul, no final do século XIX. As colônias localizavam-se nas terras devolutas da zona da mata, situadas entre os Campos de Cima da Serra, a Depressão Central e a Zona da Campanha. Região estrategicamente escolhida pelo governo imperial(até 1889), que além de visar o povoamento das terras ainda não submetidas ao projeto colonial, também pretendia o desenvolvimento da agricultura, através da policultura, bem como organizar uma “barreira” a expansão do poderio dos latifundiários pecuaristas sulinos, que localizavam-se na região considerada fronteira (próxima ao Uruguai e a Argentina). Assim, surgiram as primeiras colônias de imigrantes no RS : Dona Isabel (Bento Gonçalves), Conde D’Eu (Garibaldi), Caxias do Sul e Silveira Martins.

A Quarta Colônia criada 1877, a denominada de Silveira Martins, recebeu esta denominação em homenagem ao senador do Império, Gaspar Silveira Martins e localizou-se próximo a cidade de Santa Maria. Esta colônia começou a ser povoada por imigrantes russo-germano-poloneses, segundo Pe. Luiz Sponchiado, na região conhecida por Barracão de Val de Buía, que devido, principalmente, a uma epidemia foi logo abandonada. Posteriormente, em 1878, o mesmo local veio a ser ocupado pelos imigrantes vindos do norte da recém unificada Itália, especialmente da região do Vêneto.

Val de Buía (o Barracão) tornou-se foco irradiador destes imigrantes na região, surgindo núcleos de povoamento : Núcleo Norte (Ivorá), Soturno(Nova Palma), Dona Francisca e Arroio Grande. A partir destes, deu-se o movimento chamado de “enxameamento”, segundo Pe. Luiz Sponchiado, isto é, ocupação e aquisição de terras realizadas pelos imigrantes italianos, surgindo assim, posteriormente ,entre outros, os núcleos de São João do Polêsine, Pinhal Grande, Faxinal do Soturno, Val Feltrina, Novo Treviso e Ribeirão.

Hoje a denominada “Quarta Colônia de Imigração Italiana” compõe-se de municípios oriundos tanto dos antigos núcleos da colônia de Silveira Martins quanto de povoados surgidos pelo “enxameamento”. Tais municípios mantêm, praticamente intactas sua paisagem e sua arquitetura do final do século XIX e início do século XX. Conservam muitos costumes e tradições desta época, como procuram preservar sua memória histórica através, especialmente, do Arquivo de Pesquisas Genealógicas(CPG) organizado e criado pelo Padre Luiz Sponchiado no município de Nova Palma.

Os imigrantes italianos que vem para essa região central do RS, pois a fome lhes expulsou da Itália, vieram para um espaço de montanhas e matas, onde encontraram muitas dificuldades na adaptação e sobrevivência, além de chegarem em um momento de crise e colapso da Monarquia e implantação da República no Brasil(1889). Esse fator político brasileiro será importante, pois influenciará, acredito, no desenvolvimento regional. Por exemplo: a Quarta Colônia Imperial foi denominada de Silveira Martins- nome do senador do Império, Gaspar Silveira Martins, que era latifundiário-pecuarista de região fronteira do Rio Grande do Sul(Bagé), baluarte do partido Liberal e um dos opositores do governo positivista republicano do PRR(Partido Republicano Rio-Grandense), representados pelos líderes Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros e que assume o poder por mais de 30 anos. Tal oposição levou a eclosão de uma sangrenta guerra civil no sul do Brasil e na região fronteira(além limites políticos brasileiros), de 1893 a 1895, conhecida como a Revolução Federalista, onde o PRR saiu-se vencedor e com ele um projeto autoritário de governo, fundamentado no positivismo Comtista.

Com isso, de forma sintética, podemos afirmar que a denominação recebida pela região colonial levou o descaso político e o conseqüente declínio econômico, pois não será centro de atenção dos benefícios do governo estadual do PRR.

1. Um breve olhar sobre a construção da identidade regional rio-grandense

Uma das ações do PRR foi a preocupação na construção da identidade regional, que deveria para tanto vincular-se ao republicanismo. Buscando na cultura popular do homem da região rural, ou seja, na figura do gaúcho, as raízes da história rio-grandense e a transformação em mito/símbolo. Gaúcho criado a partir da cultura popular vivenciada na região da campanha(campo, fronteira), vinculando-os aos feitos gloriosos e heróicos da elite farroupilha (Revolução Farroupilha 1835-45), amante da liberdade, porém respeitador da ordem e da disciplina com o fim de garantir o progresso e a fraternidade. Desta forma a literatura e a história colaborarão para que a construção do elemento típico do Estado do RS, isto é, da representação regional seja também uma representação de caráter nacional. Nacional entendido como brasileiro, que com seu vasto território possui elementos típicos regionais, mas todos patriotas e brasileiros. A identidade rio-grandense, que todo

o nascido no RS é gaúcho, bem como as características deste tem um forte apelo a ideologia política do PRR.

Nesse sentido, a identidade sulina foi pensada desde o antigo Partenon Literário Rio-Grandense(criado em 1878), o Instituto Histórico e Geográfico do RS e o Jornal A Federação(órgão de comunicação do PRR), e se materializa através de um órgão, o Movimento Tradicionalista Gaúcho organizado em 1946.

A preocupação na construção e credibilidade da identidade regional estará presente na educação escolar, que através dos programas escolares e de produção intelectual altamente influenciada pelo positivismo comtista trabalhará a imagem que todo o “rio-grandense é republicano, pois os farrapos o foram; todo o rio-grandense é patriota brasileiro e não separatista; todo o gaúcho rio-grandense é diferente do gaúcho argentino e uruguaio porque tem o “sangue dócil” do portugueses/açoriano”.

E será nessa época e dentro das fileiras do partido político, o PRR, que se formará Getúlio Vargas, o defensor e proclamador de uma política nacionalista e autoritária através da Revolução de 1930 . Em seu governo e mais especificamente no período do chamado Estado Novo brasileiro(1937-45), as bandeiras regionais serão retiradas de circulação e a única a ser usada será a Brasileira. O regionalismo deverá ser substituído pelo nacionalismo ou revestido com nova roupagem. Assim, teremos presente o gaúcho no poder, sendo ele símbolo do mais fiel e patriota brasileiro, e sua história desvinculadas de laços fronteiriços ou internacionais.

Com isso, a preocupação com as regiões de imigrantes crescerá, pois apresentavam uma caracterização própria, onde era permitido o uso e ensino na língua/dialeto italiano, alemão, etc. Nesse sentido, na tentativa da consolidação de uma identidade nacional através de um projeto “nacionalista”, começou a se distinguir o “colono” do “brasileiro”. Essa diferenciação também era feita entre os imigrantes, onde “brasileiro” significava preguiçoso, não trabalhador. Com o Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial, a imagem pejorativa e perigosa do imigrante crescerá. Assim, surge a opção e/ou obrigatoriedade em realizar a cidadania brasileira. Isso se refletirá na vida diária regional/estadual, onde ser brasileiro é ser *gaúcho*. Ser gaúcho, é sentir-se gaúcho e adotar costumes típicos considerados do gaúcho rio-grandense. Isso implicava adotar costumes e regras da chamada cultura gaúcha, no qual o surgimento dos Centro de Tradições Gaúchas (CTGs) encarregar-se-ão de organizar e introduzir. Nesse sentido, as cidades, predominantemente povoadas com imigrantes e seus descendentes preocupar-se-ão com a fundação de CTGs e com a publicação em jornais locais da opção individual e familiar pela cidadania brasileira; ou seja, o descendente afirmará sua brasilidade tendo como referência o espaço/local de nascimento e não mais seus vínculos “de sangue”. Assim, gaúcho é todo o nascido no estado do Rio Grande do Sul, no sul do

Brasil, que possui uma cultura própria e uma historicidade específica muito arraigada a questão fronteiriça (espaço e história) e a convivência e integração das diferenças.

Pois, os imigrantes das mais diversas regiões sentem-se hoje com uma dupla cidadania, a brasileira e a italiana, ou melhor, os descendentes caracterizam-se também como um dos elementos humanos que exemplificam a integração de diversas culturas, que formam o que é o brasileiro, o que é o americano, o que somos. “Não somos nem índios (naturais da terra) e nem europeus. Quem somos?” - Simon Bolívar (Discurso de Angostura, 1819).

Assim, centros de memória são importantes serem não só preservados mas ser entendido como campo de ação conjunta dos arquivistas e historiadores enquanto núcleo de incentivo a pesquisa e a educação.

2. O CPG e o projeto de organização e informatização

Foi no final dos anos 40 do século XX, que o Padre Luiz Sponchiado iniciou a organização do CPG. Assim, a preocupação com a preservação da memória histórica e dos vínculos culturais com a Itália motivaram-no a guardar documentos escritos, jornais, fotografias, livros. Bem como, ficou sob a guarda do padre/sacerdote esta preocupação, que naquele momento histórico gerava medo, incertezas e até mesmo esquecimento da grande parte da população descendente.

O CPG registra através de seu acervo a história oficial, de bastidores, a cotidiana daquela população da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS e da atuação da Igreja. Além do mais, o Pe. Sponchiado fez um diário pessoal sobre sua vida religiosa que inclui sua atuação política (como principal articulador da emancipação política de Nova Palma) e a forma de coleta de dados e organização do CPG.

Desta forma, a organização e a informatização do arquivo do CPG, vem favorecer a comunidade em geral e especialmente a acadêmica que carece de informações e aprofundamentos sobre a história brasileira e regional, incentivando a pesquisa e criando uma oportunidade efetiva de aprendizado e iniciação científica aos alunos dos cursos de História e de Informática que estiveram envolvidos no projeto e conseqüentemente repassarão em sua atuação profissional futura.

Tal projeto incentivou desta maneira a experiência em um trabalho que envolve a partir da extensão, a pesquisa e o ensino, é permitindo a produção de conhecimento (e sua divulgação) sobre a história da imigração italiana, especialmente da região central do Estado e colaborando com uma prática que beneficiará toda a sociedade e preservar-se-á a sua memória e o patrimônio. Com isso, registra-se a História de um povo que reformulou o perfil cultural do sul do Brasil e integra o que hoje chamamos de “cultura brasileira”.

O desenvolvimento do trabalho iniciou pelo conhecimento da forma de organização já existente no CPG, no qual procurou se preservar, porém com melhoramentos técnicos. Para tanto,

fundamentados no convênio, contou-se com o apoio técnico do Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul , através do seu pessoal qualificado, em todo o período de andamento do projeto; além dos professores orientadores da área de História e do Curso de Sistemas de Informação, como com alunos bolsistas oriundos destas áreas, que desenvolveram suas atividades semanais em 12h/a, bem como alunos colaboradores. A orientação e treinamento na área da informatização foi de responsabilidade da área de Sistemas de Informação e do Arquivo Histórico.

O acervo do CPG possui a seguinte divisão :

1ª etapa) o arquivo genealógico(livros com registro permanente de dados das famílias e individuais);

2ª etapa) documentos de famílias (caixas onde encontram-se correspondências, reportagens de jornais, documentos pessoais, registros de terras e propriedades, certidões, livretos, entre outros e fotografias);

3ª etapa) biblioteca (livros , teses, monografias, periódicos);

4ª etapa) cronologia (um vasto fichário sobre os registros de dados da região, separados por local/cidade e data, como por temas, desde a criação da Quarta Colônia até os dias atuais, resultado de pesquisa do padre em fontes e arquivos do Brasil e do Exterior);

5ª etapa) fitas de áudio e de vídeo.

Nesse sentido, trabalhou-se com a organização e classificação do acervo documental, para paralelamente organizar-se o programa do banco de dados. Planejou-se um banco de dados de registro dos documentos familiares e um banco de dados da Genealogia. Para iniciar o processo de digitação e digitalização, com a carência de recursos e equipamentos, foi encaminhado um projeto para a FAPERGS solicitando auxílio financeiro para a aquisição de computadores que viriam somar-se ao doado pela Agência Consular Italiana de Santa Maria. O projeto foi aprovado e hoje conta-se com três computadores completos e um *scanner* . A previsão de trabalhos é de no mínimo 3 anos. O trabalho foi realizado no CPG por acadêmicos bolsistas e colaboradores, que contaram com o auxílio para o deslocamento , da Prefeitura Municipal de Nova Palma(72 Km de Santa Maria), com visita a orientação semanal da professora de História e regularmente pelo professor da área de Sistemas de Informação. Também houve a visita de 2 dias em cada mês dos técnicos e profissionais do Arquivo Histórico do RS, onde realizou-se reuniões de trabalho, de revisão e avaliação do andamento do projeto.

O convênio foi renovado, e tem a colaboração da UFSM através do trabalho de um bolsista de extensão e de um aluno bolsista da FAPERGS(bolsa de Iniciação Científica), sob orientação da então coordenadora do projeto e agora professora da UFSM.

Portanto, a experiência profissional acadêmico-científica vai além das quatro paredes de uma sala de aula , propiciando o diálogo interdisciplinar, interinstitucional, com a integração efetiva entre ensino-pesquisa e extensão bem como com a comunidade na qual as universidades estão inseridas. Além de preservar e divulgar um acervo fundamental para a história regional, latino americana e européia.

Assim, tal trabalho apresentado refere-se a uma das possibilidades profissionais e acadêmicas do Historiador junto aos Arquivos. E a experiência relatada refere-se especialmente aos três primeiros anos do desenvolvimento do projeto.